

SUCESSÃO

Parceria confusa nos Estados desafia petistas

Excesso de palanques leva Lula a administrar crises entre aliados que também apóiam adversários

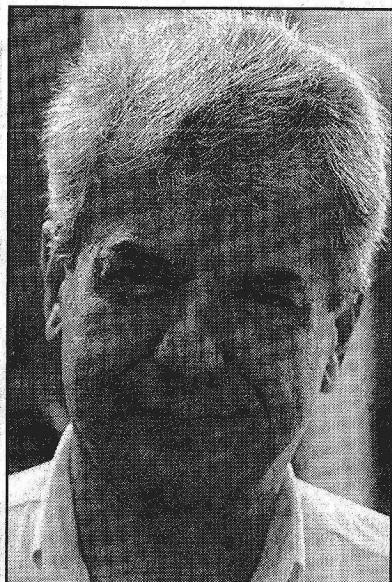
SILVIO BRESSAN

O candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, não tem problema com o excesso de palanques nos Estados, mas também terá de administrar algumas crises. A maior delas explodiu no Amazonas, onde os petistas estão na mesma aliança com o PPB de Paulo Maluf, em apoio à candidatura de Eduardo Braga (PSL) ao governo do Estado. O diretório nacional do PT não quer os dois partidos no mesmo palanque e ameaça com uma intervenção. "Ou sai o PPB ou sai o PT", diz o assessor de Lula e membro do diretório, Francisco Rocha. "Do jeito que está não vai ficar."

O problema é que o PPB acrescenta seis minutos ao tempo de TV da frente Reage Amazonas, uma ampla aliança (PSL, PSB, PT, PDT, PPS, PMBN, PPB, PSD e PC do B) montada para impedir a reeleição do governador Amazonino Mendes (PFL).

Para o presidente regional do PT, Sebastião Nunes, a interferência da cúpula atende a interesses de grupos que querem favorecer Amazonino. "Isso também pode prejudicar a composição que sustenta a candidatura Lula no Amazonas", alerta Nunes. O risco, nesse caso, é de Lula ficar sem palanque.

Outra parceria que incomoda os petistas é com o PSDB do presidente Fernando Henrique. No Piauí, o PT apóia o tucano Francisco Gerardo e ocupa as vagas de vice e senador na chapa. Mais do que a companhia, o que tira o sono dos petistas é a possibilidade de Gerardo apoiar Fernando Henrique. "Não temos motivo para duvi-



Rossi, do PDT, evita Lula,...

Paulo Liebert/AE



... que só aparece com Marta

Caio Guatelli/AE

ELEIÇÕES



AMEAÇA

DE

INTERVENÇÃO
NO AMAZONAS

dar que esse grupo apoiará Lula, porque essa sempre foi a base do acordo", afirma Rocha. "Se isso mudar, vamos reavaliar a situação."

Também com parceiros tucanos, a aliança no Acre é mais tranquila. Nesse caso é o PSDB que apóia o candidato do PT, Jorge

Viana, líder de uma frente de 12 partidos contra a reeleição de Orleir Cameli (PFL). Essa composição com os tucanos também estava acertada na

Bahia, onde PT e PSDB integravam a chapa de João Durval (PDT) contra o governador César Borges (PFL). Mas o PT baiano resolveu lançar Zezéu Ribeiro para marcar posição. A única mudança no quadro, porém, é que Lula ganhou mais um palanque no Estado.

Essa também é uma possibilidade em Minas e no Maranhão, onde o petista já tem palanque próprio, mas pode ganhar outros de maior peso. É o caso do ex-presidente Itamar Franco, candidato do PMDB ao governo de Minas Gerais, que ainda não declarou seu apoio ao presidente Fernando Henrique. "Itamar Franco tem uma força extraordinária no Estado e seu apoio seria muito importante", reconhece Rocha.

No Maranhão, como Fernando Henrique apóia a governadora Roseana Sarney (PFL), o palanque do senador Eptácio Cafeteira (PPB) pode ficar à disposição. Do mesmo modo, o palanque do senador Roberto Requião (PMDB) estará aberto à Lula no Paraná, embora haja alguma resistência. O deputado estadual Luiz Romanelli (PMDB), por exemplo, defende o apoio ao presidente Fernando Henrique Cardoso. "O compromisso de Requião conosco é explícito", reage o assessor de Lula. "Alguns setores do PMDB podem ficar contra, mas existe gosto para tudo."

Fuga - É o que parece estar acontecendo em São Paulo, onde o candidato do PMDB, Orestes Quêrcia, está mais perto de Lula do que Francisco Rossi (PDT). Embora pertença ao mesmo partido do vice de Lula, o petista procura fugir de qualquer contato ou aparição pública ao lado do candidato da frente de esquerdas. Por enquanto, só mesmo a petista Marta Suplicy tem feito campanha ao lado de Lula.

Talvez por medo de perder votos do eleitorado mais conservador, o candidato do PDT faz uma campanha cada vez mais autônoma. "Não nos envolvemos em questões do PDT", diz Rocha. "Posso dizer apenas que o Lula só vai onde é convidado." Para um candidato com menos palanques que o adversário, a falta de um convite pode significar um grande problema.